MINISTÉRIO DO TURISMO E VIVO APRESENTAM

DA OBRA DE **CLARICE LISPECTOR**

A HORA DA ESTRELA

OU O CANTO DE MACABÉA



A CULPA É MINHA
OU
A HORA DA ESTRELA
OU
ELA QUE SE ARRANJE
OU
DIREITO AO GRITO
OU
QUANDO O FUTURO
OU
LAMENTO DE UM BLUE
OU
ELA NÃO SABE GRITAR
OU
UMA SENSAÇÃO DE PERDA
OU
ASSOVIO NO VENTO ESCURO
OU
REGISTRO DOS FATOS ANTECEDENTES
OU
HISTÓRIA LACRIMOGÊNICA DE CORDEL
OU
SAÍDA DISCRETA PELA PORTA DOS FUNDOS

Clarice Lispector



Nos últimos meses não passei um dia sem ser atravessado pelos pensamentos, e mesmo pelas frases, que estão na obra A Hora da Estrela, de Clarice Lispector. Foi com muita honra que recebi o desafio de construir um espetáculo que dialogasse com a sensibilidade de uma autora desse naipe, que, como sabemos, marcou profundamente a literatura portuguesa do século XX. Teatro e literatura são duas artes distintas que guardam afinidades de séculos. A solidão da literatura é substituída pela vivência coletiva do teatro. Encenar um romance é ter a oportunidade de explorar ao máximo a teatralidade. Personagens que se combinam numa mesma atriz e cenas que podem se modificar com a rapidez de um gesto, ou com a suavidade de uma música, determinam a dinâmica de um espetáculo que dialoga com a prosa literária. Escrita em 1977, A Hora da Estrela, que coloca o foco diretamente nas questões sociais, ainda continua muito atual. Infelizmente, tantos anos passaram e ainda convivemos numa sociedade com uma desigualdade asfixiante e desesperadora. São centenas de milhares de cidadãos desamparados e invisíveis que vivem à própria sorte. Durante o processo de ensaio muitas

vezes compartilhamos fatos do dia a dia que nos confirmavam o quanto a história melancólica da personagem Macabéa ainda é tão viva na nossa realidade. Acredito que levar ao teatro essa crítica social é uma necessidade. A arte nos faz ver a realidade sem enfraquecer a nossa capacidade de transformação. A realidade é sempre muito cruel, já a arte é, quase sempre, provocadora e fortalecedora. Sem jamais ter a pretensão de que seja possível levar à cena toda a riqueza e profundidade do livro de Clarice Lispector, gostaria que a esperança fosse a principal característica dessa experiência teatral, que víssemos através da Macabéa do palco a esperança de quem pode mudar o seu destino. Apesar da aridez da vida da personagem, quero acreditar na potência que cada um de nós possui em reagir aos terríveis reveses que a vida pode nos trazer. Quero sugerir, usando as próprias palavras da autora, que cada um de nós passe sempre a viver "grávido de futuro". Gostaria de agradecer muito ao empenho desse elenco tão talentoso, ao comprometimento da nossa equipe de criação e produção, e, finalmente, ao apoio do diretor assistente Anderson Aragón, parceiro de tantos trabalhos, que nesse processo foi um olhar essencial. Não poderia deixar de parabenizar e também agradecer à confiança de Andréa Alves, uma estrela no ambiente cultural carioca, por ter idealizado e realizado um projeto tão audacioso e depositado em minhas mãos a tarefa de conduzir a criação do espetáculo.


Foto: Silvana Marques

André Paes Leme - Direção e adaptação



Foto: Ariel Cavotti


Foto: Daniel Barboza

Ganhei o livro “A Hora da Estrela” como prêmio por boas notas da minha professora de português do ensino fundamental, que se chamava... Laila. Sim, como a Garin, para quem eu mentalizei a palavra mais vibrante no momento em que reli essa história três anos atrás e entendi, como a autora na introdução, que ela acontecia “em estado de emergência” e que essa poesia transbordaria para o palco em forma de teatro. Um estado que me levou a refletir sobre as muitas camadas dessa obra, que fez e faz emergir tantos sentimentos sobre a nossa existência.

É tão nobre uma artista do seu tamanho, a qual temos a alegria de celebrar o centenário, declarar que “trata-se de um livro inacabado porque lhe falta a resposta”. Tanto gosto pela música tinha Clarice, que me fez sentir autorizada a propor que seu texto fosse musicado. Claro, por Chico César e com arranjos e trilha do talentoso Marcelo Caldi. Que oportunidade ela nos dá de fazer tantas perguntas sem respostas, de ouvir silêncios (mesmo com música!) e de ver o invisível. Oportunidade de apenas ser.

Das dádivas da vida, certamente realizar esses inventos criativos, proporcionar redes de afeto e gerar ondas de empatia, são aquelas que eu agradeço todos os dias. E por estar ao lado dessa equipe com pessoas como André Paes Leme, amigo e diretor da vida toda; Claudio, Claudia, Kika, André, Renato, Gabriel, Toni, Anderson, Leila, Baêta, Vanessa, Beto, Silvana e mais toda essa ficha técnica, alguns comigo há décadas. Meu agradecimento também a Paulo Gurgel Valente, filho e herdeiro de Clarice. Evoé, BB Seguros e CCBB, aqui estamos nós, mais uma vez abrindo o pano. Sim! Porque “tudo no mundo começou com um sim”.

Andréa Alves - Idealização e direção de produção

Buscar a canção em A Hora da Estrela foi um desafio e tanto para mim. Ainda é. Clarice Lispector adora música, como se depreende de sua dedicatória nesse livro a Schumann (e sua doce Clara, que agora são ossos, ai), Beethoven, Bach, Stravinsky, Richard Strauss, Debussy, o pernambucano Marlos Nobre (único brasileiro da lista!), Prokofief, Carl Orff, Schonberg, aos dodecafônicos e "aos gritos rascantes dos eletrônicos". Não esqueçamos que sua heroína também é movida pelo canto de Caruso.


Foto: Silvana Marques

É, Clarice gosta de música mas sua escritura passa longe de voos gongóricos e melômanos. Rasteja pelo calçamento no passeio público, lagartixeia na grama mal-cuidada do Jardim Botânico, mosqueja nas carnes penduradas de um açougue do centro. Palavras avaras de som, atentas ao sentido. Palavras gravéticas, secas quase como os personagens de sua novela. Dessa vaca não sai leite, eu poderia ter pensado como Olímpico pensou de Macabéa.

E, não vou mentir, pensei. Mas busquei a música na própria angulosidade dos assuntos e seus fraseados, seus cortes secos. Nos silêncios embaraçosos e no atrito das almas rurais, provincianas e nordestinas, em contato com os corpos suados e o estrépito sois disant cosmopolita mas ainda hoje provincial e suburbano da cidade improvisada. Busquei inspiração na generosa busca do Autor, a Atriz aqui na peça, pela humanidade invisibilizada da moça nordestina.

A música de Clarice pra mim é assim: está ali, subreptícia. Às vezes parece sabotar-se para que

quem a lê se mobilize e faça algo. Salve-se a si mesmo e a um mundo sem humanidade e sem música.

Chico César - Música original


Foto: Silvana Marques

Precisamos falar de Macabéa! Clarice Lispector nos convoca, de maneira direta e emocionada, a refletir sobre uma história relevante e atual.

Do seu texto é possível extrair a musicalidade das paisagens nordestina e carioca, a aridez e o urbanismo. Sua escrita ousada me libertou de qualquer amarra criativa na hora de escolher tons e timbres para os personagens, fazer a preparação musical do elenco (atores e músicos), criar arranjos... Árdua é a tarefa de transformar em música uma obra tão emblemática da literatura brasileira.

A imaginação da frágil protagonista é ingenuamente poética, libertadora. Seus silêncios são ruidosos e oprimidos. A comunicação com seu namorado, a cidade e o quarto apertado também são povoados de ruídos que expressam as sensações de solidão, opressão, miséria e anonimato (sonoridades do nosso cotidiano inerte).

Mas brota em nós aquela alegria brasileira, tão tipicamente nordestina, que reverbera da superação das dificuldades e está presente na música do paraibano Chico César, autor das canções do espetáculo, na interpretação da baiana Laila Garin e em toda equipe da Sarau, que vem conduzindo um grande barco em meio a mares tempestuosos.

Marcelo Caldi - Direção musical e arranjos



Foto: Beto Oliveira

MÚSICAS

1. ESTOU AQUI

Chico César/Clarice Lispector

Estou aqui por não ter nada a fazer no mundo
Sobrei e não há lugar pra mim na terra
dos homens, na terra dos homens
Estou aqui porque sou ser desesperado, estou cansado
Não suporto mais a rotina de me ser
E se não fosse sempre a novidade que é criar
Eu morreria simbolicamente todo dia (todos os dias)

Essa história acontece
Em estado de emergência
E de calamidade pública
Essa história é um silêncio
Essa história é uma pergunta

Trata-se de uma história
Inacabada sem resposta

Espero que alguém me dê
Porque há o direito ao grito
E então eu grito

2. FOI NUMA RUA

Chico César/Clarice Lispector

Foi numa rua do Rio de Janeiro
Peguei no ar o sentimento de perdição
Não, eu não tenho piedade
O que eu desejo é um relato frio
Sim, tenho o direito de ser dolorosamente frio
Vocês não
O jeito é acreditar
Acreditar chorando
A minha força está na solidão
Como a da moça num quarto
Como a da moça atrás do balcão
Como a da moça na cidade contra ela

3. MUNDO FORA DE MIM

Chico César/Clarice Lispector

O mundo é fora de mim
Ou eu sou fora de mim

Parece que o espelho passa escurecido
Não reflete nada

O mundo é fora de mim
Ou eu sou fora de mim

Sumira por acaso a existência física

O mundo é fora de mim
Ou eu sou fora de mim

Tão jovem e já com ferrugem

O mundo é fora de mim
Ou eu sou fora de mim

4. DEUS VAMPIRO

Chico César/Clarice Lispector

Deus é de quem conseguir pegá-lo
Na distração aparece Deus
E ela não pensava em Deus
Era de leve como a idiota

Só que não, pois não sabia
Que era infeliz

E tinha medo do homem-vampiro
Que chupa sangue mordendo a garganta
Não tem reflexo no espelho

Sabe até que não seria ruim ser um vampiro

Para ter um rosa sangue no rosto
E nos lábios, do vermelho sentir gosto


Foto:Beto Oliveira



5. ZERO VOCAÇÃO NO SER

Chico César/Clarice Lispector

Batia a tia
A tia beata batia

No cocuruto um cascudo
com o nó do dedo
Na cabeça de osso fraco
Por falta de cálcio

Batia a tia
A tia beata batia

Batia a tia com prazer
Pra menina não crescer
E ir fazer ponto nas ruas de Maceió
Não que ela parecesse ter
Vocação para vadia
Se nem pra mulher havia
Zero vocação no ser

Batia a tia
E a pancada ela esquecia
Esperando a dor passar
Como passa toda dor
E essa dor passaria

Batia a tia
A tia beata batia

6. COMBINAÇÃO DE BRIM

Chico César/Clarice Lispector

Moça essa que dormia
Com a combinação de brim
Com manchas suspeitas de sangue
Com manchas pálidas suspeitas de sangue

Pra dormir nas noites frias
Enroscava-se em si
Para dar e receber o próprio calor
O parco calor

Com a boca aberta dormia
Com a combinação de brim
O nariz entupido, exausta dormia
Até o nunca dormia

7. UM CACHORRO NÃO SABE QUE É CACHORRO

Chico César/Clarice Lispector

Há os que têm e há os que não têm
É muito simples, a moça não tinha
Não tinha o quê, não tinha o quê
E apenas isso mesmo
Não tinha

Se der pra me entender, está bem
Se não também, está bem
Ela me incomoda tanto que fiquei louca
Estou oca desta moça

Ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama
Estou com raiva porque ela não reage
Não, ela é doce, obediente
Saliva doce de umbu-cajá

Há poucos fatos pra narrar
E eu nem sei ainda o que estou denunciando
Ela não tinha aquela coisa delicada chamada de encanto

Só eu, só eu
A vejo encantadora
Só eu, só eu
A atriz, a amo
E sofro por ela

Essa moça não sabia
Que ela era o que era
Assim como o cachorro não sabe que é cachorro

Só eu, só eu
A vejo encantadora
Só eu, só eu
A atriz, a amo
E sofro por ela

8. DESAFASTA BOI

Chico César/Clarice Lispector

Eu queria ser toureiro
Feito uma vez vi no cinema
Todo de capa vermelha
Sem pena do touro ver sangue

Dia santo faço santo
Mas não vendo é pra mim
Tudo que o homem tem eu boto
Com todo respeito, o menino-Deus foi homem

Touro veja meu dente de ouro
Meu canino de ferrar bovino
Já bebeu sangue de cabra ruim
Desafasta boi de mim

Gosto estar por dentro
Saber tim-tim por tim-tim
Tenho cá meus pensamentos
De ser grande entre os homens

Touro veja meu dente de ouro
Meu canino de ferrar bovino
Já bebeu sangue de cabra ruim
Desafasta boi de mim



Foto: Daniel Barboza

9. O GRANDE ENCONTRO

Chico César/Clarice Lispector

Ela:
Cá estou com o coração
Batendo batendo feito um passarinho
Meu coração nordestino
Desde menino que não bate assim
Voando na chuva molhando por dentro
Nas ruas do centro de mim

Ele:
Eita que o sertão é hoje que se molha
Um prego, um parafuso eu prego
Sou metalúrgico lá da paraíba
O ferro em brasa carrego
Vim lá de riba não nego

10. DEMONÍACA A VIDA DOÍA

Chico César/Clarice Lispector

Ele:
Ele tinha uma grandeza demoníaca
A sua força sangrava
Tinha dentro de si a dura semente do mal

Gostava de se vingar
Esse era seu grande prazer
E o que lhe dava força de vida

Ele tinha uma grandeza demoníaca
A sua força sangrava

Ela:
Ela sabia o que era o desejo
Embora não soubesse que sabia

Era assim
Ficava faminta mas não de comida

Era assim
Um gosto meio doloroso que subia

Subia do baixo-ventre
E arrepiava o bico do peito
E os braços vazios sem abraço

Era assim
Aí a vida doía
A vida doía

11. DOMINGO NO CAIS
Chico César/Clarice Lispector

Rua do Acre pra morar
Do lavradio para trabalhar

Cais no porto pra espiar
Domingo

O apito do navio

Dá nó no coração
Como o cantar do galo
Ao longe no nunca
Gratidão

12. EMBAIXO OU EM CIMA
Chico César/Clarice Lispector

O céu é pra baixo ou para cima
Assim pensava a moça nordestina
Deitada não sabia
E às vezes sentia fome e comia
Comia papel pensando em coxa de vaca

O inferno está embaixo ou em cima
Viver a que será que se destina
Coitada não sabia
No corpo não cabia a alma nua
Mesmo alma rala como a sua

Viver pouco a pouco pra não gastar a vida
Viver sem ter gosto para não morrer
Viver é tão louco dádiva e dívida
Viver sendo eu mesma sem eu mesma ser

Foto: Daniel Barboza

13. CREME

Chico César/Clarice Lispector

Eu quero creme
Como vi no anúncio: creme!
Quando lembro minha alma treme
Como assim creme de pele não é crime
Eu quero creme pra comer

Às colheradas para encher o bucho
Eu quero creme, juro não é luxo
Eu quero creme pra viver

Ficar cheinha como a mulherada
Pra ir à praia ser notada
Copacabana mon amour
Aqui estou cremosa
Também sou zona sul

Eu quero creme
Como vi no anúncio: creme!
Quando lembro minha alma treme
Como assim creme de pele não é crime
Eu quero creme pra comer

14. BORRALHEIRA DO SERTÃO

Chico César/Clarice Lispector

Varrendo o chão
Borralheira do sertão
Ouve a canção
De marré-marré deci
Desci mas ninguém me dá a mão

Escolhei a que quiser
Pra dançar pelo salão

15. UM QUARTO SÓ PRA MIM

Chico César/Clarice Lispector

Ter um quarto só pra mim
Mesmo um quarto chinfrim
É tanto espaço assim
Como se fosse o céu

Sim dançar voar ser só
Estrelas ao redor
Luz no café em pó
Pequena imensidão

Não, mês de maio não me deixes
Não me largues nunca mais
Não, eu desmaio em meu peito
Nesse encontro de amor e paz

16. POUCA CONVERSA

Chico César/Clarice Lispector

Nas poucas conversas que eles tinham
Só falavam de farinha e carne-de-sol
Carne-seca
Rapadura
Alfenim

Esse era o passado que eles tinham
Doce amargo da infância sob o sol
Na lembrança
Quase dança
Quase amor

Quase dois irmãos tão inocentes
Como o morro da cidade preso ao chão
Pouca sombra
Pouca ideia
Desrazão

Nada acontecia, não sabiam
Inventar novas folias, eles não
Dois sem graça

Dois na praça
Dois irmãos

17. ELE ELA

Chico César/Clarice Lispector

Ele tinha o tom cantado
Sujo o seu palavreado
Boca de quem pede e manda
Nos direitos de quem vem ao lado

Ela era flor do caos
Ela era só ela

Ele tinha o tom cantado
Se julgava a peça-chave
Dessas que abrem qualquer porta
E ela vinha destrancada

Ela era flor do caos
Ela era só ela

18. MOLENGOLE

Chico César/Clarice Lispector

O molengole da mulata é a glória
A nega loura do Rio da capital
Por dentro quente feito os rios africanos
Por fora neve de Europa Portugal

E essa pinta dando pinta no canto da boca
Diz pro Brasil que a carioca é a tal

Agora gema, carioca da gema
Carioca da gema, carioca ô ô
A tua boca loka é puro caô



Foto: Beto Oliveira



19. DURO SECO

Chico César/Clarice Lispector

Duro seco homem
Grave homem
Como um graveto ou pedra ao sol

Seco como o homem
Que matara sem afeto
Um desafeto no sertão

No cafundó
O canivete facão
Cortando o sertanejo e o sertão

Segredo guardado no lajedo do peito
Que ao luto alheio mina
A mina do olho d’água

20. DÁ PENA

Chico César/Clarice Lispector

Dá pena
Essa moça pequena
Fazendo esta cena
Sem quê, sem nem mais

Capaz
Dela não ter juízo
E esse doido improviso
Ser mesmo preciso
Pra um pouco de paz

Rapaz
Falta-lhe uma só graça
E onde ela passa
A beleza desfaz

Talvez
Seja sua desgraça
Deixar pela praça
Seus silentes ais

21. A PIMENTA MAIS ARDIDA

Chico César/Clarice Lispector

Não quero se for de cheiro
Pra cantar de galo
Como logo a malagueta
Pois eu sou durão
Gosto de lamber a polpa
Da fruta do diabo
E me acabo ardendo de paixão

Dá-me logo a malagueta
Que me dá vento na venta
Esse ardor que a gente aguenta
Pelo favo do teu mel

Ai abelhinha abre essa colmeia
Que hoje o filho de minha véia
Não morre mais entra no céu

Dá dá
Da pimenta mais ardida
Dá dá
Que eu dou uma lambida
Dá dá
Que eu já senti a picada apimentada
Que mudou a minha vida



Foto: Daniel Barboza

22. VERMELHO ESPERANÇA

Chico César

Eu vou me dar uma festa
Eu vou passar batom
Eu sei que a vida não presta
Mas viver é tão bom
Com a boca bem escarlate
Dessa tristeza não morro
Como um cachorro que late
A certeza de ser cachorro

Da lama nasce uma flor
Vai ser a minha vingança
Vermelho cor do amor
Eu sou vermelho-esperança

Vermelho pra onde eu for
Vermelho onde o sangue dança
E quem me quiser ver melhor
Não mate em mim a criança

23. SAUDADE DA ZONA

Chico César/Clarice Lispector

Ai, que saudade da zona
Ai, que saudade de ser
Mulher-dama Lady Madonna
Madama que ninguém há de ter

Ai que saudade da zorra
Da lama a subir e a descer
No ventre podre e vivo do mangue
Do sangue nas entranhas ferver

Ai, que saudade da porra
De trepar olhando a TV
De saudade talvez eu morra
Saudade assim é de fuder

Ai, que saudade dos dentes
De antes de Sodoma cair
Tantos cavalheiros presentes
Pra tirar minha lingerie
Ai, saudade vai tomar no cu

24. SAUDADE DE MIM QUANDO EU MORRER

Chico César/Clarice Lispector

Eu vou ter
Tanta saudade de mim quando eu morrer
Quando meu tempo findado
No peito desafinado
O coração parar de bater

Quando eu deixar de ser eu
E tudo que em mim havia
Mesmo o que não havia
Como a tal aristocracia

Por isso agora choro
Corre em meu rosto
A lágrima furtiva
Como a dar vivas
Antes de parar de correr

Com o corpo silente
E a alma em paz
Que mais eu podia querer

Corpo silente
E a alma em paz
Eu pergunto:
Que mais eu podia querer



Foto: Daniel Barboza



Foto: Daniel Barboza

FICHA TÉCNICA

DA OBRA DE **CLARICE LISPECTOR**
ADAPTAÇÃO, DIREÇÃO E ROTEIRO MUSICAL: **ANDRÉ PAES LEME**
MÚSICA: **CHICO CÉSAR** (CANÇÕES ORIGINAIS) E
MARCELO CALDI (DIREÇÃO MUSICAL E ARRANJOS)
IDEALIZAÇÃO E DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: **ANDRÉA ALVES**

COM **CLAUDIA VENTURA, LAILA GARIN E LEONARDO MIGGIORIN**

[MÚSICOS]
FÁBIO LUNA – BATERIA, PERCUSSÃO, FLAUTA, FLAUTA BAIXO E VOZ
PEDRO FRANCO – GUITARRA, VIOLÃO, BANDOLIM, VIOLINO E VOZ
PEDRO AUNE - BAIXO ACÚSTICO, BAIXO ELÉTRICO, TUBA E VOZ
MARCELO CALDI - TRILHA INCIDENTAL (PIANO, SANFONA E MÁQUINA DE ESCREVER)

DIRETOR ASSISTENTE: **ANDERSON ARAGÓN**
FIGURINOS: **KIKA LOPES**
CENÁRIO: **ANDRÉ CORTEZ**
ILUMINAÇÃO: **RENATO MACHADO**
DESIGN DE SOM: **GABRIEL D'ANGELO**
VISAGISTA: **UIRANDÊ DE HOLANDA**
PREPARAÇÃO CORPORAL: **TONI RODRIGUES**

DESIGNER DE SOM ASSOCIADO: **ANDRÉ BREDA E RODRIGO OLIVEIRA**
ASSISTENTE DE FIGURINO: **SASSÁ MAGALHÃES**
ASSISTENTE DE CENOGRAFIA E PRODUTORA DE ARTE: **TUCA MARIANA**
ASSISTENTE DE PREPARAÇÃO CORPORAL: **MONIQUE OTTATI**
EQUIPE DE VISAGISMO: **CASSIANA ESCOVEDO, CORA MARINHO,**
LAYSA MACHADO E PEDRO SOL

COSTUREIRA: **FATIMA FELIX**

TINGIMENTO DE TECIDOS: **HELOISA STOCKLER**

CENOTÉCNICO: **ANDRÉ SALLES**

EQUIPE CENOTÉCNICA: **ADRIANO FERREIRO, GILVAN DO CARMO, MARCINHO DOMINGUES, PAULO SÁ, ROBSON SILVA, RONALDO FERRINHA, WALMIR JR. E WELINGTON DO CARMO**

DIRETOR DE PALCO: **JÚNIOR BRASIL**

CAMAREIRA / CONTRARREGRA: **PATY RIPOLL**

OPERADOR DE LUZ: **ROMMEL EQUER E TIÊ FABIANO**

OPERADOR DE SOM: **JORGE BAPTISTA**

TÉCNICO DE MONITOR, MICROFONISTA E COORDENADOR DE RF: **LÚDI LUCAS E EDER EDUARDO**

[COMUNICAÇÃO]

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO: **DANIEL BARBOZA**

ASSESSORIA DE IMPRENSA: **POMBO CORREIO ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO**

PROJETO GRÁFICO: **BETO MARTINS**

PROGRAMAÇÃO VISUAL E MÍDIAS SOCIAIS: **NATHÁLIA ALVES**

TRÁFEGO: **ARTHUR AFONSO**

FOTOGRAFIA: **SILVANA MARQUES E DANIEL BARBOZA**

VÍDEOS: **ELISA MENDES**

[PRODUÇÃO]

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO: **RAFAEL LYDIO**

PRODUÇÃO EXECUTIVA: **FLÁVIA PRIMO**

PRODUTOR ASSISTENTE: **MATHEUS CASTRO**

COORDENAÇÃO DE PROJETO E COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVO-FICANCEIRO:
ÁGAPA CRIAÇÃO E PRODUÇÃO CULTURAL E SARAU CULTURA BRASILEIRA

[EQUIPE ÁGAPA]

COORDENADOR DE PROJETO: **CÉSAR AUGUSTO**

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO: **DANIEL BARBOZA**

COORDENAÇÃO DE PLANEJAMENTO: **BRUNO BARROS**

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO: **RAFAEL LYDIO**

GERENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO: **CAROLINA VILLAS BOAS**

PRODUÇÃO EXECUTIVA: **FLÁVIA PRIMO**

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO: **PAULLA MELLO**

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO: **NATHÁLIA ALVES**
ASSISTENTE DE PLANEJAMENTO: **CLARA TARANTO**
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO: **MATHEUS CASTRO**
ESTAGIÁRIA DE PRODUÇÃO: **RAFAELA SANTOS**

ASSESSORIA JURÍDICA: **MARISA GANDELMAN**
CONTABILIDADE: **MTAVARES**

[EQUIPE TEATRO VIVO]
GESTÃO E CURADORIA ARTÍSTICA: **ANDRÉ ACIOLI**
COORDENAÇÃO TÉCNICA: **CLEBER ELI**
COORDENAÇÃO OPERACIONAL: **ELIS BRAGA E GIULIANO BELLATO**
TÉCNICOS ASSISTENTES: **BRUNO MAGIRO E MATHEUS XAVIER**

AGRADECIMENTO ESPECIAL:
PAULO GURGEL VALENTE



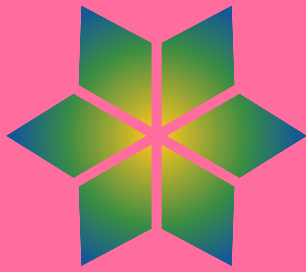
TEATRO VIVO
3 DE NOVEMBRO A 11 DE DEZEMBRO DE 2022

QUINTA A SÁBADO, ÀS 20H. DOMINGO, 18H
AVENIDA DOUTOR CHUCRI ZAIDAN, 2460 - MORUMBI, SÃO PAULO - SP

@OCANTODEMACABÉA



16
Não recomendado para
menores de 16 anos



Lei de Incentivo à
CULTURA

Patrocínio Master



Produção



Apoio de Mídia





Apoio Cultural























Realização



sarau
cultura brasileira

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL